

# O « Amuleto osculatório » (?) encontrado nas ruínas de Tróia, Setúbal

POR

FERNANDO RUSSELL CORTEZ

Director do Museu de Grão Vasco

---

Há tempos, no decurso duma das sessões de estágio, o Sr. Escultor DIOGO DE MACEDO apresentou, como proveniente de Tróia, um objecto de bronze, essencialmente constituído por uma haste rematada por uma argola; da sua decoração falaremos adiante.

Fiz alguns comentários oportunos e muito grato fiquei ao Sr. Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, o Sr. Escultor DIOGO DE MACEDO, pela gentil oferta do mesmo objecto, de bastante rareza entre nós, pois é o terceiro exemplar a ser assinalado em Portugal.

O primeiro destes três «amuletos osculatórios», pois como tais têm sido considerados, encontrado em Portugal foi estudado por HANS ZEISS (1) e apareceu nas ruínas de Milreu, Faro.

Um segundo, que, a conselho meu, foi assinalado e estudado pela então minha colaboradora MARIA JOSÉ AROSO REIS (2), é procedente de Lagoaça, termo de Pinelo, do concelho de Vimioso, onde fora encontrado, em 1935, juntamente com uma lápide funerária de granito, a quando da abertura de valados para a plantação de vinha (3).

Assinala-se agora um terceiro destes objectos, encontrado na mais importante ruína urbana do centro de Portugal: — a *Caetobriga* romana.

Similares objectos, encontrados no resto da Península, sobretudo durante a escavação de necrópoles funerárias, romano-tardias, foram primitivamente identificados como «amuletos osculatórios».

Hoje a finalidade destes instrumentos, bem como a sua origem, suscitam problemas que ainda permanecem obscuros para os arqueólogos, até ao dia em que qualquer achado mais feliz, por completo, esclareça um pouco a sua natureza (4).

O conjunto de objectos, ao nosso dispor, para o estudo dos diver-

soz problemas que os chamados «amuletos osculatórios» suscitam sobre a sua origem e finalidade, foi reunido por ALVAREZ OSSÓRIO (5) num catálogo. Agrupa 24 encontrados, dos quais reproduz 13. Posteriormente ZEISS (1) reproduz 3, só citados por ALVAREZ OSSÓRIO, e junta outros 3 inéditos entre os quais se encontra o de Milreu.

Iniciou o estudo de tais instrumentos FERNANDEZ GUERRA (6) considerando como «osculatórios» os que foram encontrados em Fuentes de Año (Ávila) e Mendoya de Sobrado (Orense).

ALVAREZ OSSÓRIO duvida de que sejam osculatórios, mas não indica qualquer outra finalidade para a sua utilização (5).

Para TARACENA, estas peças de bronze têm um carácter cristão (7). FERRANDIS concorda com tal opinião (8), referindo que nos ritos da igreja ortodoxa grega perdura o hábito de benzer com objectos similares. TARACENA rectificou mais tarde a sua opinião (9), compreendendo a pouca consistência da afirmação anterior.

Já antes, porém, HANS ZEISS (1) tinha judiciosamente observado que, se a pomba ou o galo que alguns destes instrumentos têm figurado na sua extremidade superior poderiam ser considerados como atributos cristãos, já igual explicação se não pode dar das cobras, cavalos, cabeças de mulher, etc., existentes noutros.

RIVERA MANESCAV (10), numa excelente contribuição para o estudo da necrópole de Simancas, deduzira o facto dos esqueletos das sepulturas em que estes objectos foram encontrados pertencerem a jovens do sexo feminino, e afirmou para tais *amuletos* um fim ornamental — espécie de jóia ou distintivo próprio da mulher, «talvez um adorno para o cabelo».

Ainda que tal sugestão seja defensável, parece-nos mais prudente não tirarmos conclusões gerais à base de tão exiguo material. Não devemos perder de vista terem sempre tais objectos um anel numa das extremidades e, o que TARACENA verificou, no decurso da escavação da necrópole de Suellacabras, sempre aparecerem na altura das mãos (7).

Últimamente, aproveitando as opiniões de ALVAREZ OSSÓRIO (5) e de MANESCAV (10), GRATINIANO NIETO estuda o significado e utilização destes estranhos objectos, até hoje quase que só encontrados na Meseta, e atribui-lhes um significado gnósticobasalidiano (11). Considera-os como amuletos (*fascinum*) gnósticos das seitas agapeta e basilidiana, reconhecendo o interesse de podermos precisar a area da expansão tomada por estas e outras heresias na Península. Igualmente poderíamos delimitar as possíveis zonas de suas influências e desta forma seria permitido comprová-las, no caso de os achados aparecerem

unicamente em regiões heréticas, ou contrariar tal tese, se, contrariamente, forem recolhidos em zonas estranhas a estas doutrinas.

É precisamente na meseta hispânica que os achados são mais vulgares e podemos até afirmar serem alguns fabricados localmente, conforme a conclusão permitida pelo aparecimento dum molde para a sua fundição em Carcabelos (Leon), anunciado por SCHULTEN.

Lembremos que a heresia que mais perdurou nesta região foi o priscilianismo (12), mas nenhum dado concreto permite relacioná-la com os objectos presentemente considerados. Mais nos informa GRATINIANO que o próprio PRISCILIANO, no seu *Liber apologeticus*, apresentado ao Concílio de Zaragoza, contrabutando a denúncia de IDÁCIO, fornece uma possível pista de maneira a podermos correlacionar estes objectos com os amuletos de uma seita determinada. Efectivamente, PRISCILIANO ao anematizar o nefando «Nicolaitas», fala contra os das seitas misteriosas que utilizavam, como símbolo, grifos, águias, onagros, elefantes, serpentes ou outras feras: — *Anathema sit qui legens grifos, aquilas, asinos, elefantes, serpentes, et bestias supervacuas, confusibilis observantia, vanitate, captovus vult misterium divina religionis adstruxerit* (12).

Existirá qualquer relação entre estes grifos, águias, onagros, etc., de que nos fala PRISCILIANO, com as pombas, delfins, cabeças de cavalo e de mulher a rematar os objectos que temos apreciado?... Admitindo tal possibilidade, ainda nos falta determinar qual o significado daqueles outros terminados por pirâmides ou esferas. GRATINIANO NIETO aventava terem igual valor ao dos primeiros. Possuiriam virtudes mágicas mediante o seu contacto com o próprio animal. Sugere mais se não poderemos pensar em alguns ritos misteriosos, de estranhos grupos ou seitas. Cada um teria por atributo característico o animal ou os símbolos que aparecem a rematar idênticos objectos.

Os vinte e nove exemplares que hoje conhecemos apresentam características idênticas, que podemos agrupar desta forma:

a) O seu comprimento varia entre 6 a 12 cm, excepto o de Paredes de Nava que tem 19 cm e um dos encontrados em Palência com 23 cm. Isto tem interesse por exitirem outras peças, mais adiante referidas, com tais comprimentos.

b) Todos têm um anel num extremo, pelo qual se pode passar um dedo. TARACENA registou estarem os de Suellacabras, na altura das mãos.

c) Os animais existentes na extremidade superior da vareta — muito variados — podem constituir três grupos:

- 1) Amuletos com figuras — cabeça de cavalo, cabra, pirâmide invertida, delfim, galo, serpente, etc.
- 2) Amuletos com uma pomba.
- 3) Amuletos com duas pombas enfrentadas.
- d) Neles podemos distinguir notórias diferenças estilísticas, tanto na forma da vareta e da sua união com o anel, como noutros por-menores.

Na forma da vareta, nas peças mais remotas, observam-se perfis bastante clássicos. Nota-se tal facto nos de Valdíos de Portozuelo, Campos e Tróia. Nos outros exemplares o perfil transforma-se num simples nó, por vezes esquemático, como ocorre no de Truel e Pinelo. Outras vezes a vareta aparece lisa, como acontece nos de Suellacabras.

Na união da vareta com o anel, observamos que, nos mais primitivos, a união faz-se por meio de pequenas volutas, forma típica das artes menores romanas; tal facto verifica-se no exemplar de Mérida e de Tróia.

A cronologia que a forma da vareta e da sua união com o anel nos sugere é-nos confirmada pela estilização dos animais.

Em resumo, verificamos que os amuletos mais primitivos apresentam uma vareta de perfil clássico, unida ao anel por meio de remates que podem ser volutas, e os animais do outro extremo são de estilo naturalista.

Os exemplares mais tardios têm uma vareta lisa, unida directamente ao anel, sem volutas, e os animais são estilizados.

Como alguns deles foram recolhidos em necrópoles, algo queremos dizer acerca do espólio com que foram encontrados: Em Suellacabras apareceram cravos de ferro, contas de louça e vasos de vidro.

A necrópole de Simancas forneceu-os de envolta com pontas de ferro, unguentários de vidro e alguns braceletes de cobre. Estes, pela sua forma, serão os mais tardios da Península. Em nenhum dos túmulos foram encontrados quaisquer objectos visigodos. A origem destas peças é consequentemente anterior a esta época, admitindo, no entanto, que alguns dos amuletos pudessem alcançar a época visigoda.

Pensou-se serem estes instrumentos exclusivamente hispânicos, porém, sabemos da existência de peças similares no sul da Rússia e na Bulgária (13).

Em 1840, cerca de Kertsch, junto da península da Crimeia, apareceram uns fragmentos de utensílios similares de prata, bronze ou ferro, com remates anelares, de menor diâmetro que o suficiente para a pas-

sagem do dedo. Um deles apresenta uma ave e outros animais semelhante touros e águias.

Em 1934, no campo ao sul de Plevna, na Bulgária, num povoado godo que existiu somente na 2.<sup>a</sup> metade do século IV, antes da sua destruição pelos Avaros, encontram-se vários destes instrumentos de bronze: vareta rematada por um anel numa das extremidades e por pombas na outra.

Estas notícias permitiram a TARACENA a sugestão, menos que hipótese, de poderem ser estes objectos conhecidos dos godos que, no sul da Rússia, já no ano 214, A. C., contactavam com o Império Romano, e foram usados desde o século IV, começo da sua romanização e cristianização.

A semelhança entre os utensílios do sul da Rússia e os da Península é flagrante. A sua forma e desenhos são os mesmos no essencial. Não esqueceremos, todavia, que os objectos russos e búlgaros têm maior comprimento e no geral são feitos de vidro ou ouro e somente em dois casos foram encontrados feitos de bronze, ferro e prata.

Alguns dos exemplares hispânicos atingem comprimentos vulgares entre os recolhidos na Rússia e ainda mais conhecemos um exemplar de ouro exposto no Instituto «de Valencia de D. Juan».

As peças orientais apresentam características dum maior classicismo do que as dos exemplares peninsulares. Os animais são mais naturalistas, os nós medianos têm um perfil clássico e as volutas ligadoras da haste com o anel apresentam-se-nos bem marcadas. Posteriormente esta técnica sofreu uma estilização e conseqüentemente aparecem-nos decorados na extremidade superior com pombas completamente estilizadas.

Quanto ao seu carácter cristão, carácter que, como vimos, é interpretado do mais diverso modo pelos autores dedicados ao estudo destes instrumentos, não me parece, por enquanto, muito de aceitar, uma vez que tanto os exemplares russos como os de Mérida e Tróia, que são os mais antigos, visto serem os mais naturalistas, têm na extremidade a representação de diversos animais: galos, águias, gatos, cobras, etc., e podemos supor que a pomba nos surja como um animal e nunca como uma característica claramente cristã.

A cronologia pode estabelecer-se actualmente com relativa segurança.

O estudo do espólio funerário encontrado junto de alguns destes objectos permite a ilacção de corresponderem a pertenças de sepulturas de indígenas, não visigodas, próprios do século IV e V. Deviam pertencer a esse grande complexo populacional do noroeste e cujo uso

perdurou até ao século IV e mesmo posteriormente. Esta conclusão julgo-a fundamentada com o aparecimento junto ao instrumento com um delfim — Quitanilla, Burgos — de uma estátua de Cupido. Também o nosso exemplar de Pinelo nos surge junto de uma moeda de bronze do século IV.

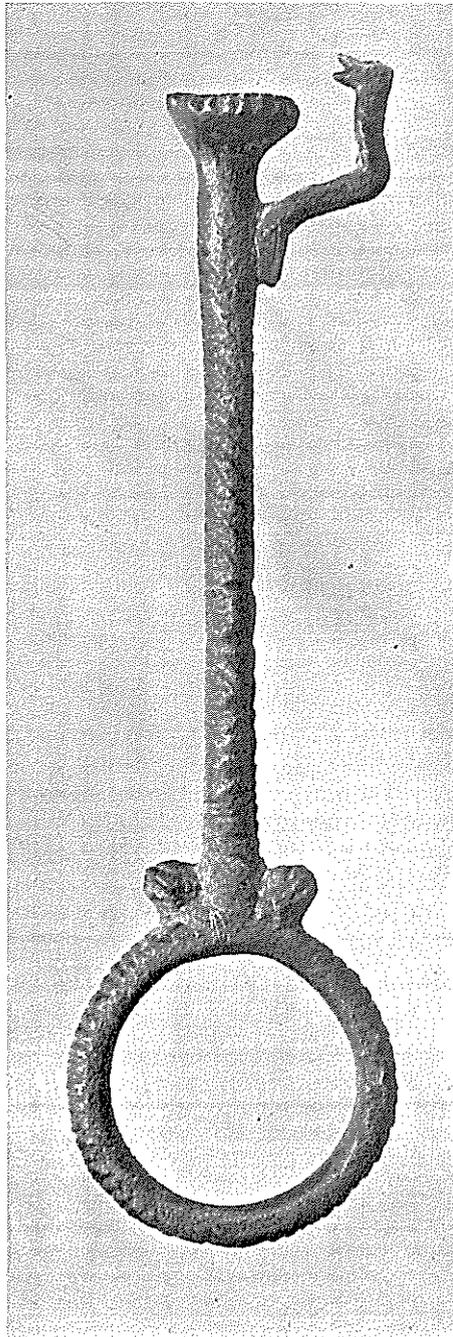
O aparecimento do exemplar de Pinelo junto da epígrafe funerária, com um texto de carácter pagão, parece tornar possível a suposição de estes objectos não pertencerem à vida cristã.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1) HANS ZEISS — «Die Grabfunde aus dem Spanischen Westgotenreich», pág. 91, Berlim e Leipzig, 1934.
- 2) MARIA JOSÉ AROSO REIS — «Mais Um Osculatório» encontrado em Portugal; elementos para a sua cronologia. Vol. VIII, das Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950.
- 3) FRANCISCO MANUEL ALVES — «Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança, vol. X, pág. 762 — Porto, 1938.
- 4) CONCEPCION ROS BENET e M.<sup>a</sup> DEL CONSUELO ABELL — «Los llamados amuletos osculatorios», Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español, Elche. 1948, pág. 487, Cartagena, 1949.
- 5) F. ALVAREZ OSSÓRIO — «Amuletos? conocidos como osculatorios», Madrid, 1929.
- 6) AURELIANO FERNANDEZ GUERRA — «Monumentos Cristianos españoles antiquísimos e inéditos», la Ilustracion Católica», 1879, pág. 307.
- 7) BLAS TARACENA — «Escavaciones en la provincia de Sória». Mem. Junta Sup. de Escavaciones, n.º 75, pág. 35, Madrid, 1924-25.
- 8) JOSÉ FERRANDIS — «Artes decorativas visigodas», História de España de M. Pidal, vol. III, pág. 64. Madrid, 1940.
- 9) BLAS TARACENA — «Sobre los amuletos visigodos de bronze», Arquivo Español de Archeologia, n.º 40, pág. 67, Madrid, 1940.
- 10) SATURNINO RIVERA MANESCAU — «Las necrópolis visigodas de Simancas», Bol. Sem. de Est. de Arte e e Archeologia, XII a XXI, Valladolid, 1936-1939.
- 11) GRATINIANO NIETO GALLO — «Los fondos visigodos del Museo Arqueológico de Valladolid», Mem. de los Museos Arqueológicos Provinciales, 1942, pág. 222.
- 12) MENENDEZ y PALAYO — «História de los heterodoxos españoles, vol. IV, pág. 169, ss., Madrid, 1946- vol. II, págs. 300-331.
- 13) Para todos estes instrumentos, ver o artigo de Ludolf Stephani, — «Compte rendu de la Comision Imperial pour l'année 1875 ed. alemã, Lâmina II, n.º 24-25, pág. 40. São Petersburgo, 1878. Cit. por (9).



Pormenor mostrando a ornamentação da vareta.



Amuleto (?) de bronze encontrado em Tróia, Setúbal.